

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT-17  
(PRESENCIAL): ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: OS SABERES DAS  
MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NO BRASIL

**POÉTICAS DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA FEMININA**

*Adriana Lins Precioso (adrianaprecioso@unemat.br)*

A Poesia moderna e contemporânea emergiu e consolidou-se por meio de uma estrutura que ainda revela a voz masculina, branca, heterossexual, cristã, casada, abastada e pertencente aos grandes eixos mais cosmopolitas das grandes cidades. Seja na produção do texto poético: poetas e escritores ou na base teórica que a analisa dentro da academia: filósofos, estudiosos, professores, teóricos, entre outros, essa estrutura se mantém. É nesse contexto que, após séculos de etnocídio dos povos originários que a Literatura Indígena começa a garantir espaço entre os muitos leitores, das crianças aos mais preparados profissionais das Letras, fato confirmador está no ingresso de Ailton Krenak na Academia Brasileira de Letras no ano de 2024 (ano passado). Todavia, a pergunta que se apresenta é: Onde estão as mulheres? Ou melhor: onde estão as mulheres indígenas? Elas não escrevem? Este trabalho tem o propósito de responder essas questões e ainda se aprofundar buscando mapear o modo como as mulheres indígenas produzem Poesia, esse gênero que ainda se revela envolto em um ar elitista e conservador. Para além disso, inscreve-se a preocupação em descrever o modo como essa voz feminina indígena e politizada costura os saberes ancestrais, as marcas de oralidade, os sons da floresta e a resistência política em seus escritos poéticos. Trata-se de uma pesquisa em estágio inicial, parte de um projeto de pesquisa ainda maior

intitulado “Desobediências Poéticas: Veredas da Contemporaneidade”, todavia, já se percebe nesses textos dois movimentos ancestrais: o individual e subjetivo e outro coletivo e social. Para confirmar essa hipótese, serão investigados alguns poemas de Márcia Kambeba, Julie Dorrico e Graça Graúna. Esse trabalho se consolida no arcabouço teórico que traz os apontamentos de Márcia Kambeba (2023), Lisboa, Neves e Gregolin (2023), Potiguara (2018), Ferreira e Gonçalves (2024), Evaristo (2021) entre outros.

Palavras-chave: poesia indígena feminina; ancestralidade; desobediência poética.